

O Dom, o Chamado e o Desafio da Comunhão

(Este documento não foi recomendado às Igrejas por nenhum instrumento da Comunhão. O Grupo de Trabalho dos Primazes foi criado após o Encontro dos Primazes de 2016 para aconselhar sobre a vida da Comunhão.)

Um Documento para o Ensino apresentado pelo Grupo de Trabalho dos Primazes com base no trabalho de Comissão Permanente Inter-Anglicana para a Unidade, Fé e Ordem Preâmbulo

1. As/Os anglicanas/os experimentam sua comunhão uns com os outros como um dom, um chamado e, às vezes, como um desafio. A Comunhão Anglicana existe em 165 países; é uma comunidade dinâmica e diversificada de igrejas interdependentes. O Grupo de Trabalho dos Primazes tem-se reunido num momento de desafio para a Comunhão Anglicana. Está a pedir aas/os anglicanas/os que reflitam em conjunto sobre o que significa ser uma comunhão de igrejas. Por que é importante ser uma comunhão de igrejas? Como é que as igrejas em comunhão proclamam em conjunto, por palavras e ações, o Evangelho de Jesus Cristo? O Grupo de Trabalho dos Primazes convidou os membros da Comissão Permanente Inter-Anglicana para a Unidade, Fé e Ordem para continuarem a reflexão em conjunto.
2. Esta reflexão sobre o **dom**, o **chamamento** e o **desafio** da comunhão começa com uma teologia ampla e ecuménica sobre o que é comunhão. Em seguida, examina em particular o que as/os anglicanas/os acreditam sobre a comunhão. Por fim, analisa como as/os anglicanas/os vivem o dom, o chamado e o desafio da comunhão, culminando nas Cinco Marcas da Missão. Viver juntas/os como uma comunhão de igrejas, especialmente em tempos de desafio, é um testemunho caro ao Senhor Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado, que promete estar com seu corpo, a Igreja, até o fim dos tempos.
3. A esperança do Grupo de Trabalho dos Primazes é renovar nas/os anglicanas/os de todo o mundo um sentido de admiração, alegria e responsabilidade pela nossa comunhão de Igrejas como um dom precioso de Deus. Ao procurarmos avançar em direção a um mundo pós-colonial, as nossas relações uns com os outros em Jesus Cristo são fundamentais. Oramos para que, na graça de Deus, esta forma de viver em relação possa ser um testemunho e uma bênção para um mundo quebrado.

O dom da comunhão

4. As Igrejas da Comunhão Anglicana afirmam que pertencem ao que o Credo Niceno chama de Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica. A fé das/os anglicanas/os, incluindo o que as/os anglicanas/os acreditam sobre a Igreja, flui da fé de toda a Igreja de Jesus Cristo.

5. Desde a criação, os seres humanos foram feitos para a comunhão com Deus e uns com os outros. As Escrituras ensinam que os seres humanos são criados à imagem e semelhança de Deus, que é uma comunhão eterna de Pai, Filho e Espírito Santo. O propósito de Deus na criação foi frustrado pelo pecado e pela desobediência humana, que negam, distorcem e rejeitam as relações de comunhão entre Deus e os seres humanos, no seio da família humana, e entre os seres humanos e a ordem criada.
6. A mensagem do Evangelho da Salvação proclama que Deus restaurou irreversivelmente o dom da comunhão através da Cruz e da Ressurreição de Jesus Cristo e do dom do Espírito Santo. A Bíblia testemunha que Deus permanece fiel apesar do pecado e do erro humano. Como Corpo de Cristo cheio do dom do Espírito Santo, a Igreja é o sinal e a serva da missão vivificante do seu Senhor para renovar e restaurar o dom da comunhão na sua própria vida e em missão para todas as pessoas.
7. A compreensão da Igreja como uma comunhão emerge da Bíblia. No Novo Testamento grego, a palavra *koinonia*, traduzida como "comunhão", significa "ter algo em comum", "partilhar", "participar", "tomar parte em" e "agir em conjunto". Nas línguas modernas, *koinonia* é frequentemente traduzida por "partilha", "participação", "companheirismo" e "comunhão". Aparece em passagens que relatam a participação na Eucaristia como uma comunhão ou *koinonia* no Corpo de Cristo (1Cor 10:16-17). Além disso, a Bíblia entende que a comunhão também se expressa em atos de reconciliação (Gl 2:7-10). A coleta de dinheiro para sustentar os pobres é comunhão ou *koinonia* (Rm 15:26; 2Co 8:3-4). No Novo Testamento, a *koinonia* representa, portanto, a vida da graça, que é comunhão viva com Deus Trindade e comunhão viva com todos os crentes batizados (2 Cor 13,13)ⁱ.
8. É pela sua vida em comunhão com Jesus Cristo que a Igreja é chamada a tornar visível o dom irreversível da comunhão de Deus no seio da família humana e, de fato, com toda a ordem criada. A *koinonia* visível entre os cristãos - a comunhão dos santos - é uma forma particular de os cristãos proclamarem que "Cristo morreu, Cristo ressuscitou, Cristo voltará". Como disse o Conselho Mundial de Igrejas em A Igreja: Rumo a uma visão comum:ⁱⁱ

A comunhão, cuja fonte é a própria vida da Santíssima Trindade, é ao mesmo tempo o dom pelo qual a Igreja vive e, ao mesmo tempo, o dom pelo qual Deus chama a Igreja a oferecer a uma humanidade ferida e dividida na esperança de reconciliação e cura.

Comunhão das/os anglicanas/os

9. A Comunhão Anglicana global tem-se entendido historicamente como uma comunhão de Igrejas dentro da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, e em comunhão com a Sé de Cantuária. A Conferência de Lambeth de 1930 declarou: "a verdadeira constituição da Igreja Católica envolve o princípio da autonomia das Igrejas particulares com base numa fé e ordem comuns".ⁱⁱⁱ Assim, a Comunhão Anglicana, embora não esteja constituída como uma Igreja global com estruturas para tomar decisões políticas vinculativas, partilha características comuns na liturgia e no direito canónico. A Comunhão Anglicana, seguindo a prática antiga, sempre procurou respeitar a autoridade jurídica plena de um arcebispo ou metropolitano na sua província, e de um

bispo na sua diocese, tal como articulado na resolução 72 da Conferência de Lambeth de 1988.

10. Na prática anglicana, a compreensão bíblica da comunhão ou *koinonía* entre as Igrejas envolve uma relação tríplice: reconhecimento mútuo, compromisso mútuo e participação mútua. Primeiro, envolve o reconhecimento mútuo como igrejas irmãs que pertencem e professam a fé da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica. Envolve também o reconhecimento mútuo como pertencentes a uma família distinta de igrejas, a Comunhão Anglicana. Em segundo lugar, a compreensão bíblica da comunhão nos chama ao compromisso mútuo, como igrejas, de viver e agir juntos em comunhão. Terceiro, a compreensão bíblica da comunhão nos chama à plena participação mútua na vida sacramental da Igreja. Essa plena participação para as/os anglicanas/os está fundamentada no Batismo comum e numa Eucaristia partilhada, celebrada por um ministério ordenado comum liderado por bispos.

Comunhão na fé

11. As Igrejas da Comunhão Anglicana compartilham uma herança comum da fé apostólica, definitivamente revelada nas Sagradas Escrituras e articulada nos credos católicos, e dentro de sua própria história. Ela depende inteiramente do dom de Deus da comunhão restaurada na obra salvadora de Jesus Cristo e do dom do Espírito Santo. A fé histórica da Igreja, transmitida através das gerações, exprimiu-se de várias maneiras numa tradição diversificada e evolutiva. A substância da fé é sempre a mesma, mas a forma como é expressa e aplicada tem variado desde um contexto histórico e cultural para outro. A Igreja é chamada a proclamar esta fé de novo em cada geração, mostrando a relevância do Evangelho de Cristo para o mais amplo espectro das necessidades humanas.
12. Foi no contexto da busca da unidade cristã que as/os anglicanas/os expressaram sua compreensão distinta da "fé e ordem" da Igreja. O Quadrilátero de Chicago-Lambeth (1888) expressa o fundamento sobre o qual as Igrejas da Comunhão Anglicana desejam engajar outras Igrejas com o objetivo de restaurar a plena comunhão. Ela afirma

As Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento como contendo todas as coisas necessárias para a salvação e como sendo a regra e suficiente para a fé;

O Credo dos Apóstolos, como símbolo batismal; e o Credo Niceno, como declaração suficiente da fé cristã;

Os dois sacramentos ordenados pelo próprio Cristo - o Batismo e a Ceia do Senhor - ministrados com o uso infalível das palavras de instituição de Cristo e dos elementos ordenados por ele;

O episcopado histórico, adaptado localmente nos métodos da sua administração às diferentes necessidades das nações e povos chamados por Deus à unidade da sua Igreja.^{iv}

A comunhão sob pressão

13. As/os anglicanas/os experimentam a fragilidade da comunhão sempre que questões divisórias colocam tensões nas relações entre as igrejas, e a unidade da Comunhão Anglicana é posta em risco. Quando a comunhão está sob pressão, as/os anglicanas/os descobriram que é precisamente quando a Igreja enfrenta novos desafios que ela também descobre novas oportunidades para intensificar o significado da comunhão e para reconhecer que a diversidade é um dom.
14. Embora a comunhão ou *koinonia* seja sempre o dom de Deus que brota da cruz e da ressurreição de Jesus Cristo, no decorrer da história sua recepção pelas igrejas tem variado. Como a *koinonia* é dinâmica e relacional, sua recepção pode ser mais forte ou mais fraca, enriquecida ou empobrecida, melhorada ou diminuída. A *koinonia* de Deus não pode, contudo, ser criada ou destruída por seres humanos. Nas últimas décadas, os anglicanos têm refletido sobre experiências de recepção limitada do dom de Deus da *koinonia*, primeiro com outras comunhões mundiais e, mais recentemente, entre as próprias Igrejas da Comunhão Anglicana e, ainda mais dolorosamente, com Igrejas que se separaram da Comunhão Anglicana. A natureza divina da *koinonia* significa que a experiência de "comunhão prejudicada" não deve ser entendida como "comunhão quebrada". A comunhão que é prejudicada ainda é uma experiência viva de comunhão. Esta distinção vital afirma o princípio teológico de que nunca é possível às comunidades cristãs cortar absolutamente a sua comunhão umas com as outras. A realidade da comunhão contém um imperativo teológico e moral: a unidade sob o senhorio de Cristo continua a ser o dom irreversível de Deus a todos, uma vez que somos feitos à sua imagem, bem como o chamamento e o mandato de Deus. Permanece sempre alguma realidade de comunhão entre os cristãos, por mais tensa que seja.
15. À medida que as Igrejas Anglicanas de diferentes partes do mundo se familiarizam mais umas com as outras, mais se tornam capazes de reconhecer Jesus Cristo umas nas outras, especialmente em momentos de grande diferença e desacordo. As Igrejas da Comunhão Anglicana, embora distintas e diferentes, estão ligadas umas às outras pela fé, culto e testemunho que fluem entre elas e a partir delas. O Batismo e a Eucaristia expressam o coração da nossa fé comum e renovam o encontro de cada Igreja particular com o dom da comunhão. À medida que as nossas vidas são formadas pela Bíblia e moldadas pelo culto, somos atraídos mais profundamente para a vida de Deus e uns com os outros. A nossa vida comum como discípulos de Cristo é uma partilha de *koinonia* com Deus e uns com os outros.
16. As disciplinas espirituais sustentam e aprofundam a recepção do dom da comunhão. Elas têm em conta as nossas inevitáveis falhas e falibilidade humanas, e a nossa capacidade de permitir que a diferença e o desacordo conduzam à divisão. Tais disciplinas incluem a oração pela unidade, um sentido de humildade em relação aos juízos sobre os outros, e a penitência pelas formas como os cristãos prejudicam a unidade da Igreja e minam a sua proclamação de que Jesus Cristo é o Senhor.
17. A prática da "recepção" permitiu que a Comunhão no passado vivesse com diferenças significativas enquanto testava mudanças que inicialmente dividiam. A recepção é o

processo contínuo de ouvir e testar uma mudança para saber se ela pode ser "recebida" pela Igreja como verdadeiramente uma ação do Espírito Santo em nosso meio. Está enraizada na realidade de que receber novas percepções ou mudanças é um processo dinâmico ao longo do tempo. Uma vez que os dons do Espírito Santo são dados a todos os batizados, o exercício do discernimento pertence a toda a comunidade do povo de Deus. O estudo da Escritura, a oração e a reflexão teológica ajudam a comunidade a discernir a verdade. Este processo requer tempo e o empenhamento dos leigos, do clero e dos bispos. Exige o empenhamento total de cada Igreja da Comunhão.

Instrumentos da Comunhão

18. As Igrejas Anglicanas receberam da Igreja Apostólica, e sustentam em sua prática, o histórico ministério tríplice de bispas/os, presbíteras/os e diáconas/os, ordenadas/os para o serviço vitalício da palavra, do sacramento e do cuidado pastoral, de acordo com seus vários chamados. As/os anglicanas/os têm tradicionalmente entendido que a comunhão da Igreja é, em primeiro lugar, a comunidade eucarística da diocese com a liderança do seu bispo ou bispa, entre as suas comunidades paroquiais servidas por reverendas/os e diáconas/os, com variedades de ministérios laicos. O ministério episcopal, presbiteral e diaconal consiste em chamar todas as pessoas batizadas para a missão de Jesus Cristo, orientando e apoiando todos os cristãos nas suas vocações e ministérios individuais. As comunidades paroquiais estão em comunhão umas com as outras, porque estão em comunhão com o seu bispo ou bispa. As paróquias anglicanas de uma diocese estão em comunhão com as de outras dioceses, porque os seus bispos e bispas estão em comunhão uns com os outros. As/Os bispas/os são as/os principais ministras/os da comunhão entre as comunidades anglicanas locais, exemplificados como aqueles que ordenam diáconas/os e presbíteras/os e consagram bispas/os.
19. O Episcopado têm um papel fundamental na compreensão e na prática anglicana da comunhão. Elas/es são ordenadas/os para serem as/os guardiãs/ões e professoras/es da fé, os principais ministros do Batismo, da Eucaristia e dos outros sacramentos, e líderes na missão e no evangelismo. O episcopado representa a Igreja local (diocese) perante a Igreja universal, a Comunhão global perante a diocese local e as Igrejas locais (dioceses) entre si. Este ministério é exercido pessoalmente através dos dons particulares de liderança de cada bispa/o, colegialmente em consulta e colaboração com outras/os bispas/os de outras dioceses e não só, e comunitariamente dentro e para a comunidade diocesana local. Juntas/os, estes papéis complementares fazem da/o bispa/o um sinal visível da unidade da Igreja, especialmente quando participam na Eucaristia, onde a comunhão com Cristo Crucificado e Ressuscitado, e uns com os outros em Cristo, é mais abundantemente manifestada.
20. A vida da Igreja para além da diocese é também vital para as/os anglicanas/os. Entre a diocese e a Comunhão Anglicana global está a Igreja provincial. De forma um tanto confusa, as/os anglicanas/os usam o termo "província" de duas maneiras diferentes. O primeiro significado é um grupo de dioceses regionais sob a liderança de uma ou um arcebispo, também conhecido como metropolitano. O segundo significado é uma Igreja membro nacional ou transnacional da Comunhão Anglicana; tal Igreja provincial está sob a liderança de um primaz, que é por vezes chamado arcebispa/o, bispa/o-presidente ou primus. Nas Igrejas Unidas, o primaz é chamado Moderador. Cada Igreja

provincial (ou membro) da Comunhão Anglicana, com seu episcopado em sínodo, ordena e regula o seu próprio culto, política, ministério e missão através do seu próprio sistema de governação regulado pela sua própria lei eclesiástica. Esta realidade significa que as províncias atuarão em resposta ao seu contexto de formas que podem não se traduzir simplesmente no contexto ou no direito canónico de outras províncias.

21. A Comunhão Anglicana é uma comunhão de dioceses e Igrejas provinciais, em vez de uma única 'Igreja Anglicana' global. A política da Comunhão Anglicana é de consulta, recomendação, persuasão e recepção. Não há nenhuma autoridade central ou global na Comunhão Anglicana que esteja autorizada a tomar qualquer decisão vinculante para uma Igreja provincial. Cada Igreja Provincial Anglicana mantém a tensão entre sua autonomia relativa e seu compromisso mútuo, dependência mútua e responsabilidade mútua para com cada outra igreja membro e para com toda a Comunhão. A autonomia é, portanto, equilibrada pela interdependência e responsabilidade recíproca, que são elementos-chave da comunhão eclesial. Como diz o Relatório Windsor:

O que isso testemunha é o entendimento de que as igrejas da Comunhão Anglicana, se essa Comunhão deve significar alguma coisa, são obrigadas a se moverem juntas, a caminharem juntas em sinodal - é ouvindo e interagindo com vozes de tantas partes diferentes da família quanto possível que a Igreja descobre o que sua unidade e comunhão realmente significam.^v

22. As Igrejas da Comunhão Anglicana valorizam suas relações umas com as outras. A relação de comunhão eucarística entre cada diocese anglicana e a Sé de Cantuária, e a relação de comunhão entre cada bispo anglicano e o Arcebispo de Cantuária é uma pedra de toque da unidade anglicana. Para além disso, as Igrejas são sustentadas na sua comunhão partilhada através de três outros instrumentos formais de comunhão: a Conferência de Lambeth, o Conselho Consultivo Anglicano e a Reunião dos Primazes. O Arcebispo de Cantuária e os três outros instrumentos ligam todas as províncias anglicanas umas às outras, especialmente quando rezam juntas, refletem sobre a Bíblia juntas, tomam conselhos comuns juntas e celebram a sua unidade na Eucaristia.

1. O Arcebispo de Cantuária. As/os anglicanas/os atribuem ao Arcebispo de Cantuária uma primazia de honra e respeito entre o episcopado da Comunhão. O papel do Arcebispo de Cantuária deriva do papel da antiga Sé de Cantuária, com a qual as/os anglicanas/os têm estado historicamente em comunhão sacramental. Como foco de unidade e comunhão, o Arcebispo de Cantuária reúne-se e preside entre os seus colegas bispos na Conferência de Lambeth e na Reunião dos Primazes. O Arcebispo de Cantuária é o presidente do Conselho Consultivo Anglicano;

2. A Conferência de Lambeth: A Conferência de Lambeth é a principal expressão da dimensão conciliar do anglicanismo e põe em evidência a colegialidade dos bispos/os anglicanas/os em todo o mundo. Aproximadamente a cada década, o Arcebispo de Cantuária reúne o episcopado da Comunhão para adoração, retiro, consulta e encorajamento em seu ministério de guardar a fé e a unidade da Comunhão para "equipar os santos para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo" (Ef 4.12). A Conferência de Lambeth normalmente oferece ensino e orientação para as Igrejas da Comunhão Anglicana, para a Igreja mais ampla e para o mundo, como expressão do ofício de ensino episcopal. A autoridade da Conferência de Lambeth é moral e pastoral, e não jurídica. Cabe às províncias e aos outros

instrumentos da Comunhão determinar como receber os ensinamentos da Conferência de Lambeth;

3. O Conselho Consultivo Anglicano: O Conselho Consultivo Anglicano (CCA) é o mais representativo dos Instrumentos da Comunhão, sendo composto por representantes leigos, clericais e episcopais eleitos e nomeados das Igrejas provinciais. O CCA facilita a consulta e a cooperação entre as igrejas da Comunhão Anglicana. Através do seu Comité Permanente e do Gabinete da Comunhão Anglicana, coordena o trabalho anglicano internacional em missão e evangelismo, ecumenismo, educação teológica, justiça de género, envolvimento com as Nações Unidas e o trabalho da Aliança Anglicana em defesa, assistência e desenvolvimento. Apoia as comissões e redes da Comunhão Anglicana. O CCA chama as Igrejas provinciais para uma relação mais profunda de responsabilidade mútua e interdependência e aconselha o desenvolvimento de estruturas provinciais. É constitucionalmente, através do seu Comité Permanente, o órgão que reconhece e admite formalmente as igrejas provinciais como membros da Comunhão Anglicana que estão listadas no "Programa" da Constituição do Conselho Consultivo Anglicano;

4. A Reunião dos Primazes: A Reunião dos Primazes é convocada pelo Arcebispo de Cantuária para apoio mútuo, oração e aconselhamento. A autoridade que os Primazes individuais trazem para a reunião varia de acordo com a política das suas próprias igrejas. Tal como a Conferência de Lambeth, a Reunião dos Primazes tem autoridade moral e pastoral, mas não jurídica: pode aconselhar, recomendar e pedir, mas não tem poder para decidir nada para a Comunhão como um todo ou para qualquer igreja provincial, mesmo quando pede às províncias que aceitem as consequências quando se considera que se afastaram das práticas comumente aceites. Na Reunião dos Primazes, os Primazes e os moderadores são chamados a trabalhar em colaboração em assuntos doutrinários, morais, pastorais e missionários que têm implicações em toda a Comunhão.

Da interconexão da Comunhão, segue-se que cada Instrumento tem a responsabilidade de consultar, responder e apoiar os outros Instrumentos e as Igrejas da Comunhão.

23. Através de uma ênfase na sinodalidade, as/os anglicanas/os caminham juntos, oram juntos e discernem juntos, ouvindo o maior número possível de vozes diferentes da família. A teologia anglicana afirma que os leigos são essenciais para a vida e o governo da Igreja. Esta realidade deve exprimir-se de modo a que os leigos e o clero, juntamente com os seus bispos, sejam ativos nas comunidades paroquiais locais e nas estruturas provinciais diocesanas, juntamente com os encontros globais de representantes da Comunhão. Os Instrumentos da Comunhão existem para facilitar estes processos de discernimento e articulação da fé partilhada pelas/os anglicanas/os e para proporcionar um espaço definido para o estudo e debate das diferenças e desacordos entre as/os anglicanas/os de todo o mundo. A vida em comunhão deve incluir um compromisso contínuo com as diversas expressões inculturadas do Evangelho apostólico.

24. As Igrejas da Comunhão Anglicana estão unidas não por uma autoridade central legislativa e executiva, mas por mutualidade e relacionamento sustentado por conselho comum através dos Instrumentos da Comunhão.

Comunhão na Missão

25. O Conselho Consultivo Anglicano, como um Instrumento da Comunhão, identificou Cinco Marcas da Missão que são moldadas pela Bíblia e pela adoração comum. Elas expressam o dom, o chamado e o desafio da comunhão:
- Proclamar a Boa Nova do Reino;
 - Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes;
 - Responder às necessidades humanas através do serviço amoroso;
 - Transformar as estruturas injustas da sociedade, desafiar a violência
 - Transformar as estruturas injustas da sociedade, desafiar a violência de todo o gênero e procurar a paz e a reconciliação;
 - Esforçar-se por salvaguardar a integridade da criação, e sustentar e renovar a vida da terra.

As Cinco Marcas da Missão, resumidas em contar, ensinar, cuidar, transformar e valorizar, são uma manifestação anglicana visível dessa comunhão, "cuja fonte é a própria vida da Santíssima Trindade, o dom pelo qual a Igreja vive e, ao mesmo tempo, o dom que Deus chama a Igreja a oferecer a uma humanidade ferida e dividida na esperança de reconciliação e cura"^{vi}.

26. Tal como Jesus orou na noite anterior ao seu sofrimento e morte, "a glória que me deste, eu dei-lhes a eles, para que sejam um, como nós somos um, eu neles e tu em mim, para que sejam todos um, para que o mundo conheça que tu me enviaste e que os amaste como me amaste a mim" (João 17,22-23). A nossa unidade em Cristo é, portanto, um pré-requisito para toda a missão e evangelização, e olha mais para fora do que para dentro. Ela se expressa na oração comum e na intercessão uns pelos outros.

ⁱ Ver também: Ver também: Actos 2.24; 4.32; Rom 12.13; 15.26, 27; 1 Cor 1.9; 10.16,18, 20; 2 Cor 1.7; Gal 2.9; Fil 1.3; 1 Ped 4.13; 1 Jo 1.3,7

ⁱⁱ [A Igreja: Uma visão ecumênica](#) (Genebra: Conselho Mundial de Igrejas, 2013) §1

ⁱⁱⁱ Conferência de Lambeth de 1930, Resolução 48

^{iv} "O Quadrilátero Chicago-Lambeth 1886/1888

^v A Comissão de Lambeth sobre a Comunhão, The Windsor Report 2004 (Londres: ACC, 2004), §66

^{vi} A Igreja: Rumo a uma visão comum §1